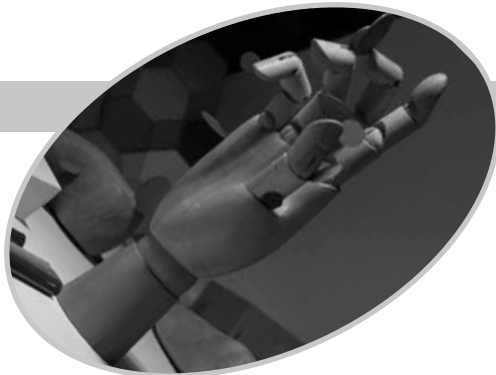


Galileu e a construção de identidades de ciência



Natália Martins Flores

Bacharel em Jornalismo (UFMS)
Mestranda de Pós-graduação em Comunicação da UFMS
E-mail: nataliflores@gmail.com

Ada Cristina Machado da Silveira

Doutora em Periodismo (Universitat Autònoma de Barcelona) e pós-doutora pela Sorbonne III (La Nouvelle)
Professora de Pós-graduação em Comunicação da UFMS
E-mail: ada.machado@pq.cnpq.br

Resumo: A pesquisa pretende entender como se produz a construção identitária de ciência na revista *Galileu*. A publicação, ao constituir as identidades, não se refere apenas a um produto determinado, mas proporciona a aparição de diferentes vozes, de acordo com a historicidade de suas formações discursivas. Nossas questões apontam para a indagação de quais vozes se fazem presentes no discurso da revista. Além disso, indagamos se ele é um discurso monofônico ou polifônico e se proporciona a construção de uma só ou de várias identidades de ciência. **Palavras-chave:** identidade de ciência, polifonia, jornalismo, vozes discursivas, discurso.

Galileu y la construcción de la identidad de la ciencia

Resumen: La investigación pretende entender cómo se produce la construcción de la identidad de la ciencia en el *magazín Galileu*. Al ser constitutivos de las identidades los media no se refieren tan solo a un producto determinado, pero proporcionan la aparición de diferentes voces en acuerdo con la historicidad de sus formaciones discursivas. Nuestras preguntas apuntan hacia la indagación de cuáles voces se hacen presentes en el discurso del *magazín* de divulgación científico. Además, se indaga si es él un discurso monofónico o polifónico y si se proporciona la construcción de una sola o de diversas identidades de la ciencia.

Palabras clave: identidad de la ciencia, polifonía, periodismo, voces, discurso.

Galileu and the construction of identities of science

Abstract: The research aims to understand how construction of identities of science is produced in *Galileu* magazine. Media as constitutive of identities does not only refer to a particular product, but gives the appearance of different voices according to their discursive formations historicity. Our questions point to the investigation about which voices are present in the discourse of the magazine. Moreover, we question whether it is a monophonic or polyphonic discourse and if it provides the construction of one or several identities of science.

Keywords: identity of science, polyphony, journalism, discursive voices, discourse.

Introdução

No cenário da midiatização, em que a mídia se torna referência de valores, costumes e crenças para a sociedade, a questão da identidade construída nessa ambiência adquire papel central ao influir no modo como os sujeitos sociais entendem o mundo. De acordo com Muniz Sodré (2002:27), os veículos de comunicação na sociedade midiaticizada passam a modificar percepções e costumes da cultura tradicional e fazem com que o indivíduo experimente um novo tipo de relacionamento com referências concretas e suas realidades.

Ao transformar-se em referência na construção da realidade social, a instância midiática, segundo analisa Sodré (2002:53), passou a servir de orientadora das condutas do homem contemporâneo, prescrevendo modos de ser e de agir corretos, por meio da oferta de realidades já estabelecidas. Anthony Giddens (2002:31) afirma que, muitas vezes, as

realidades construídas pela mídia parecem ter existência mais concreta do que o objeto real, pois a mídia tem esse poder de inversão.

Nesta perspectiva, o objetivo desta pesquisa é o de entender como se produz a construção da identidade de ciência na revista *Galileu*. Nossas questões norteadoras apontam para a indagação de quais vozes e

Como produto cultural, a revista prescreve modos de agir e de pensar considerados modernos ou melhores para a inserção social



formações discursivas se fazem presentes no discurso da revista. Além disso, indagamos se ele é um discurso monofônico ou polifônico e se, nestas condições, proporciona-se a construção de uma só ou de várias identidades de ciência. Pretendeu-se fazer uma análise aprofundada de cinco reportagens centrais das edições de abril, maio, junho, julho e agosto de 2010.

Constituídas por meio de processos linguísticos e discursivos, as identidades encontram na mídia o seu agente constitutivo (Orlandi, 1998:204-206). A importância de estudar a construção dessas identidades midiáticas se dá devido à própria natureza ideológica que as constitui, por meio de jogos de linguagem. Como afirma Gomes, Holzbach e Taveira (2003:224), citando Fairclough, são as identidades que definem o olhar do homem contemporâneo sobre a realidade. Assim, elas podem criar ou reforçar estereótipos acerca da ciência (Gomes, Holzbach e Taveira, 2003:225).

Como produto cultural constituído por meio da linguagem, a revista *Galileu* não se refere somente a uma identidade, mas se constrói nesta heterogeneidade de identida-

des ofertadas pelos percursos históricos que as constituíram, numa relação entre língua e história (Orlandi, 1998:204). Ada Silveira (2007:4) acredita que a identidade não é propriedade discursiva de apenas um produto, mas é explorada nas diferentes vozes, de acordo com a historicidade de suas formações discursivas.

Galileu e a divulgação científica

A revista *Galileu* surgiu durante o momento de expansão do mercado editorial brasileiro. Lançada em 1991 pela Editora Globo, ela é editada mensalmente e alcança, atualmente, uma tiragem de 160 mil exemplares por mês. Isaltina Gomes, Ariane Diniz Holzbach e Marchezan Albuquerque Taveira (2003:221) destacam que, no seu início, ela tinha a proposta de cobrir assuntos de ciência e tecnologia que afetassem o dia-a-dia das pessoas. Segundo Ieda Tucherman, Luiza Trindade Oiticica e Cecília Cavalcanti (2010:283-284), a revista pretende antecipar tendências e interpretar a vida a partir dos conhecimentos de ciência para um público na faixa etária de 18 a 34 anos, de ambos os sexos.

O surgimento da revista não ocorreu devido, apenas, à lógica do mercado, mas também foi impulsionada por outras condições sócio-culturais existentes (Mira, 2001:213). Num contexto em que a modernidade traz ao homem a necessidade de se relacionar com conteúdos do mundo da ciência, as publicações de divulgação científica se erigem num ponto de segurança no qual o sujeito se firma frente ao mundo fragmentado e em constante transformação. Assim, antes de apoiar-se na esfera religiosa como acontecia nas sociedades pré-modernas, Giddens (1991:87) entende que o homem moderno vai depositar sua confiança em outros sistemas peritos, como a ciência. Esse período é, então, propício para o surgimento de publicações especializadas em traduzir o campo científico para as práticas do cotidiano, como a revista *Galileu*.

A necessidade de oferecer respostas úteis e transmitir segurança a esse homem contemporâneo molda os conteúdos da divulgação científica na mídia, que oferecem ao leitor a ciência como solução de problemas no propósito de captá-lo para a leitura: “Trata-se de fazer crer ao leitor que ele está na presença de fatos incontestáveis, prevenir suas objeções, transmitir segurança, persuadindo-o do acesso a esse saber e até mesmo da sua necessidade” (Roqueplo *apud* Coracini, 2003:329).

A revista *Galileu* oferta realidades para seus leitores e, como produto cultural, prescreve implicitamente modos de agir e de pensar considerados modernos ou melhores para a inserção social do sujeito na contemporaneidade (Sodré, 2002:53). O funcionamento dessa lógica se dá por meio de uma doutrina de acompanhamento, em que a mídia oferta realidades socialmente estabelecidas (Sodré, 2002:63). Assim, o jornalismo opera um processo de produção de sentido, de construção do real (Berger, 1996:189).

No caso da divulgação científica, Maria Coracini (2003:329) comenta que a exposição da ciência na mídia não é mais a ciência do trabalho de pesquisa, mas são representações acerca da atividade construídas pela mídia. Esse aspecto ganha importância ao entendermos que, muitas vezes, essas representações midiáticas se convertem na realidade vivida do indivíduo (Sodré, 2002:22). Nessa conjuntura, as identidades construídas pela mídia ganham projeções maiores.

A identidade de ciência em Galileu

Estudando cinco edições da revista *Galileu* do ano de 2010 (edições de abril, maio, junho, julho e agosto), localizou-se a importância que a reportagem central detém na estruturação da publicação.

A reportagem central é uma matéria assinada de, em média, 12 páginas que possui infográficos e fotos que ilustram o tema abordado. Neste artigo, estão explicitadas as análises de cinco reportagens intituladas: “O futuro da comida”, “O lado bom da depressão”, “A nova

tropa de elite”, “Uma cura para todos os seus medos?” e “A Internet está deixando você burro?”. A análise das reportagens orientou-se pelo conceito de polifonia e suscitou a localização das vozes que se interpõem no discurso da revista, o que se considera como conformador da identidade atribuída à ciência – ou *identidade de ciência* –, trabalhada pela publicação.

José Luiz Fiorin (2002:65) relaciona o conceito de polifonia às marcas do texto, que mostrariam os diversos centros discursivos e vozes que se sobrepõem no discurso, o qual conta com muitos níveis de enunciação. Fiorin diferencia a polifonia do conceito de dialogismo de Bakhtin (1997). O dialogismo seria uma propriedade inerente ao discurso que deixa antever várias vozes, enquanto que a polifonia apareceria por meio de efeitos de sentido que produzem discursos que podem ser polifônicos ou monofônicos.

Em nossa análise, se faz pertinente recordar que Oswald Ducrot (1987:195) aborda a polifonia como envolvendo distinguir locutores de enunciadores. Enquanto os locutores seriam os responsáveis diretos pela enunciação, os enunciadores corresponderiam aos pontos de vista pelos quais se fala. Essa perspectiva está diretamente associada à posição de sujeito conformado em inscrições sociais, culturais e históricas que nos fariam vislumbrar formações discursivas específicas. Num discurso com efeito de polifonia, o sujeito se coloca em diversas posições e, por vezes, produz sentidos divergentes.

De acordo com Barros (2005:34), a monofonia e a polifonia se constituem em efeitos de sentido, estratégias discursivas utilizadas na produção do discurso. O efeito de sentido de monofonia faz o discurso parecer ser único, a única voz atuante. Em oposição, o discurso com efeito de sentido polifônico é aquele que mostra a sua dialogicidade, as diferentes vozes de discurso que o constitui. Entendemos que esses efeitos de sentido podem esclarecer como a revista *Galileu* constitui a identidade de ciência: como única voz preponderante ou como uma voz que se relaciona com outras vozes do discurso.

Partindo dessa perspectiva, localizamos no *corpus* a presença de dois pontos de vista (enunciadores) relacionados à ciência, que se referem a formações discursivas específicas. O primeiro enunciador (E1) coloca a ciência como a solução racional para os males da humanidade – e estaria relacionada à formação discursiva da modernidade – e o segundo (E2) aborda a ciência com cautela e como apenas uma das soluções para os problemas humanos – relacionada à formação discursiva da pós-modernidade. Essas posições de enunciação encontram-se expressas em sete vozes que se sobrepõem no discurso da revista, as quais são enumeradas a seguir: voz do futuro, voz realista, voz cultural tradicionalista, voz da biologia, voz da ciência e inovação, voz da ciência construcionista e voz do senso comum.

● A ciência como solução

A formação discursiva se refere ao sujeito da enunciação e seu poder como sujeito autorizado de dizer algo em determinado tempo e espaço. Segundo Michel Foucault (1972:91-93), ela consiste num conjunto de regras históricas que determinam o ato de enunciação em determinada época. Já Dominique Mainueneau (1993) se refere à formação discursiva como um bloco aberto que é constantemente perpassado por elementos de outras formações discursivas, ou seja, um lugar de interdiscurso. Neste processo, constituído num *modus operandi*, o discurso jornalístico tem na interdiscursividade o seu poder de conectar e relacionar discursos pertencentes a diversas formações discursivas (Pippi, 2005:57).

A formação discursiva da modernidade se refere à posição de enunciação (E1) que assume a ciência como solução dos problemas humanos. Essa formação instituiu-se na época moderna em que há a emergência da racionalidade da ciência. Como relata Dimas Floriani (2000:25), neste período, a ciência passa a ser vinculada ao desenvolvimento econômico, técnico e social dos Estados mo-

dermos e integra-se ao seu sistema social. Assim, o saber científico racional ganha valor supremo na sociedade como verdade absoluta, devido ao pensamento progressista e otimista da época moderna. Hilton Japiassú (2000:10) relata que esse valor ainda está presente na cultura contemporânea, em que é quase automático relacionar a ciência ao progresso e ao desenvolvimento. Conforme nossa análise, essa formação discursiva é encontrada na revista *Galileu* nas vozes do futuro, da biologia e da ciência e inovação.

A voz do futuro relaciona a ciência com a inovação e o progresso e a entende como detentora de predições sobre como a vida do homem contemporâneo será no futuro. Essa concepção de que a ciência controla a natureza por meio de seus métodos é característica da modernidade, na qual se alterou a relação do homem com o mundo, passando a ser um sistema possível de ser captado por leis científicas (Japiassú, 1982:26). Abaixo, os trechos exemplificam:

Para Hervé, isso é um exemplo do que também comeremos na próxima década. No armário da cozinha haverá pacotes com compostos de ácido tartárico, ácido cítrico e polifenóis – este último vira um molho com a simples adição de água (Revista *Galileu*, abril 2010).

A experiência chega bem perto do que seria uma real pílula para apagar as más lembranças (Revista *Galileu*, julho 2010).

A voz da biologia filia-se a explicações do eixo biológico da ciência (Japiassú, 1982:99-102), o qual converte o ser humano em uma regulação biológica interna que faz com que dados da superfície, como a cultura e a tradição, percam seu valor na determinação das ações do homem. Abaixo, outro trecho o exemplifica:

Trata-se de um afinadíssimo mecanismo de seleção e especialização que garante a permanência de traços que nos deixam mais aptos a encarar os obstáculos. Adeptos da psicologia evolucionista acreditam que a seleção natural não envolve apenas o

corpo. As características da mente humana também seriam o resultado de uma longa jornada de depuração em nome da sobrevivência e reprodução (Revista *Galileu*, maio 2010).

Em outras palavras, temos uma tendência a repetir comportamentos se nada indicar que eles são perigosos ou nos fazem mal (Revista *Galileu*, julho 2010).

Própria da modernidade, a relação entre ciência e progresso tem a ciência como instrumento técnico que visa principalmente atingir objetivos tecnológicos e pretende tirar o máximo de proveito da natureza (Floriani, 2000:23). Ela pode ser observada na voz da ciência e inovação nos seguintes exemplos:

Foi ela que criou coisas revolucionárias, como a geladeira e o micro-ondas. Essas invenções nos fizeram gastar menos recursos e esforço para descobrir sensações e sabores (Revista *Galileu*, abril 2010).

Jovens, inteligentes e bem pagos: os peritos criminais brasileiros que usam a ciência e a tecnologia para combater o crime (Revista *Galileu*, junho 2010).

O mais recente publicado na edição de junho da revista americana *Science*, aponta um caminho para suavizar traumas, indicado pelos cientistas da Escola de Medicina da Universidade de Porto Rico, um dos mais avançados centros de pesquisa da memória no mundo (Revista *Galileu*, julho 2010).

A ciência como uma das soluções

A segunda posição de enunciação (E2) se refere à ciência como apenas uma de tantas soluções para os problemas sociais e, por isso, se relaciona com a formação discursiva pós-moderna. Com a pretensão de fazer as qualidades universais serem reveladas à humanidade, o projeto de modernidade, segundo analisa Harvey (1992:23-25), começa a ruir no início do século XX. Os problemas enfrentados por nações neste século invalidaram o projeto iluminista de caráter racio-

nal, otimista e de progresso confiado na racionalidade. Assim, a ciência começou a ser vista não mais como a grande narrativa que daria soluções para o ser humano, mas sim como uma das respostas entre inúmeras outras possíveis. Essa formação discursiva aparece no *corpus* analisado nas seguintes vozes: voz realista, voz cultural tradicionalista, voz construcionista e voz do senso comum.



A voz do futuro relaciona a ciência com a inovação e o progresso e a entende como detentora de predições sobre a vida do homem contemporâneo

A voz realista se refere à ciência como uma aliada para o encontro das soluções. Assim, ela não surge mais como verdade absoluta, mas como um conhecimento relativo que forneceria algumas respostas para a humanidade, embora não todas. Boaventura de Sousa Santos (1989:13) propõe a emergência de uma nova ciência transdisciplinar construída na relação com outros discursos da sociedade para resolver os problemas emergentes, que não conseguem mais ser resolvidos pela ciência moderna. Abaixo, alguns trechos de *Galileu* exemplificam essa abordagem:

Algumas respostas para esse paradoxo podem vir da ciência, da história e dessa coisa de comer com responsabilidade (Revista *Galileu*, abril 2010).

Apesar de ser um entusiasta da comida futurista, Hervé This sabe que esse não é o único caminho. A comida com bolinhas é apenas uma das três vias para a alimentação do futuro (Revista *Galileu*, abril 2010).

Tapscott afirma que a web está fazendo com que essa geração seja a mais inteligente de todas, baseado em testes que mos-

tram aumento de quociente de inteligência (QI). No entanto, a média de QI das pessoas cresce em ritmo estável desde antes da Segunda Guerra. Ou seja, não é o efeito da propagação da Internet que está causando isso. Essa nova inteligência se mostra de outras formas, como prova Gustavo (Revista *Galileu*, agosto 2010).

A ciência é apresentada como um saber que não possui verdades absolutas, mas que está sempre na busca por soluções



O experimento chega bem perto do que seria uma real pílula para apagar más lembranças. Mas também oferece grandes riscos. (Revista *Galileu*, julho 2010). (grifo nosso)

Ao tratar a ciência apenas como uma das soluções disponíveis, a voz realista utiliza, muitas vezes, a estratégia de colocar o leitor como sujeito atuante para mudar situações, as quais não seriam automaticamente alteradas pela ciência. Esse discurso é próprio da pós-modernidade quando promete uma pluralidade de sujeitos e discursos capazes de atuar na sociedade (Harvey, 1992:49-52). Nesta perspectiva, emerge o discurso ligado à sustentabilidade e à cidadania, apresentado na edição de abril de 2010 da revista *Galileu*, da qual selecionamos o seguinte trecho:

E comer como cidadão significa equilibrar a fome com a vontade de comer num planeta bem de saúde. O futuro do seu almoço não é aguardar que a ciência descubra uma pílula de picanha e um comprimido de arroz (Revista *Galileu*, abril 2010).

A voz cultural tradicionalista contrapõe as descobertas científicas com elementos da tradição, cultura e história humana. As respostas da ciência não adquirem sentido prático ao

propor soluções que sejam contra a tradição de comer carne, como no exemplo abaixo:

Temos nostalgia pela tradição, por isso não gostamos de produtos totalmente artificiais. Valorizamos muito o saber e, mais que isso, os aspectos sociais da comida, que unem famílias e comunidades. Muitos que gostam desses cardápios supermodernos esquecem que comida tem a ver com algo transcendente (Revista *Galileu*, abril 2010).

Nesta voz, a ciência é apresentada como uma construção, tanto quanto a cultura. Esse posicionamento do conhecimento científico ao lado de outros saberes da sociedade é característico da pós-modernidade, período em que se dá a crise dos grandes relatos e a ciência passa a ser vista como apenas uma dentro de uma série de narrativas possíveis. Abaixo, alguns exemplos em que a ciência e a cultura são entendidas nesta perspectiva humanizada:

A partir do século 20, tristeza profunda passou a ser tachada de doença grave. Virou tema de pesquisas científicas, ganhou vocábulos cada vez mais extensos em livros de medicina e psicologia e, a partir dos anos de 1950, transformou-se em mal a ser combatido por remédios (Revista *Galileu*, maio 2010).

É possível viver sem a proteína animal. “Aquela pirâmide alimentar, construída nos anos 60 a partir do modelo americano baseado na carne, foi criada para nos dizer o que é saudável. Mas existem dietas diferentes”, afirma Dória (Revista *Galileu*, abril 2010).

Essa abordagem da ciência como construção é também encontrada em outra voz que perpassa o discurso da *Galileu*: a voz da ciência construcionista. A concepção pós-moderna da ciência também se refere à atividade como um discurso que não revela a realidade, mas sim que se constrói por meio de proposições ditas objetivas (Coracini, 1991). Nela, a ciência é apresentada como um saber que não possui verdades absolutas, mas está sempre na busca por soluções. A atividade é vista como um processo, construído por meio de escolhas e que se transforma con-

forme a época e os problemas que procura solucionar. Abaixo, exemplos:

Até recentemente, havia um consenso científico de que a ruminação não passava de um tipo inútil e improdutivo de pessimismo. [...] Uma ala da psicologia evolucionista passou recentemente a ver a questão sob um prisma bem diferente. Andrews e Thomson acreditam que a ruminação envolve afiados processos analíticos que, se bem orientados, de preferência com a ajuda de especialistas, podem ser produtivos, ainda que dolorosos (Revista *Galileu*, maio 2010).

O estudo não foi o único. Uma revisão de 38 pesquisas sobre os efeitos dos *hyperlinks*, publicada em 2005 pela Universidade canadense de Carleton, concluiu que a demanda crescente de tomar decisões com o hipertexto prejudicou a performance de leitura (Revista *Galileu*, agosto 2010) (grifo nosso).

Por fim, a última voz encontrada no *corpus* da pesquisa é a voz do senso comum, a qual se refere a conhecimentos que não são produzidos pelo campo científico e sim pela sociedade. Nesta voz, os conhecimentos alcançam a mesma veracidade que o saber científico, o que a remete ao período pós-moderno e sua concepção de ciência como aliada a outros saberes socialmente reconhecidos. Abaixo, citamos um exemplo que se refere ao conhecimento do senso comum como superior à ciência, por ter conseguido captar a realidade que a ciência ainda tenta provar.

Intuitivamente, ela entendeu o que a ciência vem se esforçando para demonstrar: que a depressão tem seu lado bom e que dela podemos tirar proveito se percebermos seu potencial transformador (Revista *Galileu*, maio 2010).

As duas posições de enunciação localizadas no *corpus*, que aparecem na diversidade de vozes discursivas enumeradas acima, produzem um efeito de polifonia na revista referindo-se às múltiplas identidades de ciência pertencentes a formações discursivas distintas, como a da modernidade e da pós-modernidade. Assim, as matérias jornalísticas

da *Galileu* ora vislumbram aspectos positivos da ciência e ora apresentam-se cautelosas diante dela.

A participação de diferentes vozes discursivas na composição do discurso da revista apresenta a identidade de ciência nesta publicação como aberta, construída por meio de opiniões divergentes quanto às “verdades científicas”, numa confluência de vozes oriundas de outras formações discursivas, além da formação discursiva da modernidade.

Considerações Finais

Avalia-se que os processos de construção identitária da ciência na revista *Galileu* são deflagrados pela presença de dois enunciadores (que se referem às formações discursivas da modernidade e da pós-modernidade) e pela relação de interposição de sete núcleos ou vozes discursivas. Localizadas no *corpus* de análise em estudo, foram reconhecidas as vozes: voz do futuro, voz realista, voz cultural tradicionalista, voz do senso comum, voz da biologia, voz da ciência e inovação e voz da ciência construcionista.

A posição de enunciação E1 se refere à ciência como portadora de certeza absoluta e resposta racional aos males da humanidade e, relacionada à formação discursiva da modernidade, registra ocorrências nas vozes do futuro, da biologia e da ciência e inovação. Essas vozes criam uma identidade de ciência como valor supremo para a sociedade, relacionada ao progresso e desenvolvimento que ela pode proporcionar. Em oposição, a posição de enunciação E2 aborda a ciência com cautela, como apenas uma das soluções para os problemas contemporâneos e se relaciona à formação discursiva da pós-modernidade. Ela contém ocorrências nas vozes realista, cultural tradicionalista, do senso comum e da ciência construcionista. Essa concepção de ciência confirma uma identidade relativa à atividade científica que se integra a outros discursos da sociedade na procura por respostas e soluções.

A presença desses dois enunciadores na conformação da identidade de ciência aponta para a atividade de produção do discurso polifônico da revista *Galileu*. Além de trazer as vozes da ciência como resposta absoluta, essas são confrontadas com pontos de vista ligados à cultura e à

tradição, bem como ao senso comum da sociedade. Numa mescla de positividade e cautela diante da atividade científica, o discurso da revista constrói identidades relacionadas ao universo moderno e pós-moderno da ciência.

(artigo recebido mar.2011/aprovado mai.2011)

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARROS, Diana L. P. “Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso”. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora Unicamp, 2005.
- BERGER, Christa. “Em torno do discurso jornalístico”. In: FAUSTO NETO, Antonio e PINTO, Milton José. (Orgs.). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996, p. 385; 188-193.
- CORACINI, Maria José. “As representações do saber científico na constituição da identidade do sujeito-professor e do discurso de sala de aula”. In: CORACINI, Maria José. (Org.). **Identidade e discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 385; 139-159.
- CORACINI, Maria José. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. São Paulo: EDUSC, 1991.
- CORRÊA, Fabiana e ROSSI, Jones. “A nova tropa de elite”, **Revista Galileu**, n. 227, junho 2010, p. 44-55.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 2002.
- FLORIANI, Dimas. “Diálogos interdisciplinares para uma agenda socioambiental”, **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 1, janeiro/junho 2000, p. 21-39.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. São Paulo: Vozes, 1972.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Edunesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, Isaltina Azevedo de Melo; HOLZBACH, Ariane Diniz e TAVEIRA, Marquazan Albuquerque. “Mídia impressa e construção da identidade de ciência”. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado (Org.). **Divulgação científica e TICs**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003, p. 256; 216-237.
- HARVEY, David. **Condição. Uma pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Nem tudo é relativo**. São Paulo: Letras & Letras, 2000.
- JAPIASSÚ, Hilton. **Nascimento e morte das Ciências Humanas**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1982.
- LOIOLA, Rita. “O futuro da comida”, **Revista Galileu**, n. 225, abril 2010, p. 46-51.
- LOIOLA, Rita. “Uma cura para todos os medos?”, **Revista Galileu**, n. 228, julho 2010, p. 33-42.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. São Paulo: Pontes, 1993.
- MALI, Tiago e PONTES, Felipe. “A Internet está deixando você burro?”, **Revista Galileu**, n. 229, agosto 2010, p. 44-56.
- MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.
- ORLANDI, Eni. “Identidade lingüística escolar”. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 1998, p. 384; 203-212.
- PIPPI, Joseline. **Ciência, tecnologia e inovação: interdiscursividade jornalística, reformulação discursiva e heterogeneidades**. Dissertação de Mestrado em Extensão Rural, UFSM, Santa Maria, 2005.
- SALLUM, Érica. “O lado bom da depressão”, **Revista Galileu**, n. 226, maio 2010, p. 42-49.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SILVEIRA, Ada Cristina Machado. “Mídia e discursividade. O concerto polifônico das fronteiras brasileiras”. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 29 de agosto a 2 de setembro 2007, Santos, São Paulo. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0686-1.pdf>. Acesso em 12/05/2009.
- SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- TUCHERMAN, Ieda; OITICICA, Luiza e CAVALCANTI, Cecília. “Revistas de divulgação científica e ciências da vida: encontros e desencontros”. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 33, n. 1, janeiro/junho 2010, p. 277-295.